

A inclusão do autista nas escolas de ensino regular: dificuldades e possibilidades

Inclusion of students with autism in regular schools: difficulties and possibilities

Deborah Cristina Ferreira Santos

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), em 2017.

E-mail: dcfsantos7@hotmail.com

Liliane Regina Moisés

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), em 2017.

Lucélia Rodrigues dos Reis

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), em 2017.

Maria Helena de Araujo Saldanha

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), em 2017.

Maria Marta do Couto Pereira

Professora Dra. orientadora do curso de Pedagogia (UNIPAM).

Resumo: No presente artigo, propôs-se uma reflexão sobre a realidade do autista em escolas de ensino regular de Patos de Minas-MG e também sobre os métodos utilizados pelos professores e as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo foi saber se o aluno autista é realmente incluído na prática e se ele tem desenvolvimento considerável nesse processo, e também ter maior compreensão sobre o assunto e conscientizar os educadores a buscar informação e preparação para lidar com o aluno com esse tipo de transtorno. Para realizar este estudo, foram feitas pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa de campo foi feita por meio de questionários aplicados a professoras dos anos iniciais que possuem alunos autistas em sala de aula, em escolas de ensino regular pública e privada. Concluímos que, apesar de existir uma lei que garanta a inclusão do aluno autista, ela não acontece como deveria. Há professoras que abraçam a causa e lutam pelo desenvolvimento do aluno e outras que não se dedicam o suficiente. Suas dificuldades, na maioria das vezes, estão relacionadas às limitações do aluno e à falta de estrutura do ambiente escolar. Pudemos constatar também que o desenvolvimento do autista depende do grau de comprometimento e da dedicação da escola, do professor e de sua família.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Escola regular. Aprendizagem.

Abstract: In this article we propose a reflection on the reality of students with autism in some regular schools in Patos de Minas-MG and also on the methods used by the teachers and on the difficulties encountered during the teaching learning process. The aim was to know if the autistic student is in fact included in the practice and if he has considerable development in this process, and also to have greater understanding on the subject and to educate educators to seek information and preparation to deal with the student with this type of disorder. In order to carry out this study, bibliographical and field research were carried out. The field research was done through questionnaires applied to teachers of the early years who have autistic students in the classroom, in public and private regular schools. We conclude that although there is a law that guarantees the inclusion of the autistic student, it does not happen as it should. There are teachers who embrace the cause and fight for student development and others who are not dedicated enough. Their difficulties are often related to the limitations of the student and the lack of structure of the school environment. We can also see that the development of the student with autism depends on the degree of commitment and dedication of the school, the teacher and his family.

Keywords: Autism. Inclusion. Regular school. Learning.

1 Considerações iniciais

O presente artigo estudou a realidade do autista em algumas escolas de ensino regular de Patos de Minas e analisou os métodos utilizados pelos professores, as possibilidades de aprendizado e as dificuldades enfrentadas por ambos no processo de inclusão. Acredita-se que, para que se tenha uma educação de qualidade e inclusiva, é necessário refletir sobre essas questões.

A área da educação nem sempre é cercada por sucesso e aprovações. Muitas vezes, os educadores se deparam com alunos que têm problemas no processo de aprendizagem. É importante que os envolvidos fiquem atentos a essas dificuldades, analisando se são momentâneas ou se elas persistem, pois podem ser fatores emocionais e orgânicos associados ao sono, ao cansaço e à tristeza e podem desmotivar o aprendizado e desencadear sérios problemas como a dislexia, a disgrafia ou, até mesmo, o autismo, entre outros.

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento (TGC) que atinge, em sua maioria, meninos. Basicamente, é caracterizado por dificuldades de interação, domínio da linguagem, comportamento repetitivo e restritivo. Suas características podem variar de acordo com os graus da doença.

A inclusão escolar tem o dever de acolher todo indivíduo, independente de suas limitações. A legislação obriga as escolas a terem professores preparados para ajudar os alunos com necessidades especiais nas escolas de ensino regular.

Foi decretada, em dezembro de 2012, a lei que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que materializa que o autista é considerado pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais. Vale lembrar que até então não havia nenhuma lei que garantisse a inclusão especificamente do autista nas escolas.

A necessidade da inclusão do autista no ensino regular tem gerado discussões no meio pedagógico. Além de haver um distanciamento entre teoria e prática adotada nas escolas públicas brasileiras, ainda existem preconceitos mascarados, mas, em

contrapartida, existem também professores e profissionais empenhados e dedicados a melhorar a situação e inclusão de alunos com necessidades especiais.

Mas será que as práticas educativas garantem de fato o aprendizado do autista, possibilitando o desenvolvimento desse aluno?

Nessa perspectiva, este estudo direciona questões para um entendimento sobre como o aluno autista é incluído nas escolas de ensino regular. As questões que este estudo se propôs investigar se referem às seguintes perguntas: o professor é capacitado para ensinar o aluno autista? Há possibilidades do aluno se desenvolver na escola regular? Quais dificuldades os professores enfrentam ao lidar com o autista?

Segundo Boralli (*apud* GONÇALVES, 2013), existe total desatenção para com a formação adequada de profissionais das áreas da Educação, da Medicina, da Psicologia, da Fonoaudiologia, entre outras, dificultando, assim, a relação e o atendimento adequados do autista.

Entretanto, o professor pode fazer a diferença por meio de postura e prática profissional para definir possibilidades de uma educação inclusiva de qualidade que acolha todas as pessoas, sem exceção. Os autistas necessitam que lhes sejam dadas instruções claras, o que é ensinado deve fazer sentido para eles. O professor deve estar bem preparado para atender a esses alunos, estimulando a interação social mesmo sabendo das dificuldades que eles apresentam.

Nesse sentido, como futuras pedagogas, temos o interesse em saber como trabalhar com o aluno autista de forma que ele se desenvolva, pois, se tratando de inclusão escolar, o transtorno de espectro autista é pouco abordado em relação a outras deficiências.

Estudos recentes têm mostrado que pessoas portadoras de atrasos no desenvolvimento podem aprender tarefas novas e se tornarem membros produtivos da sociedade.

O presente estudo objetivou verificar métodos de ensino utilizados pelos professores com os alunos autistas; apresentar as dificuldades e as possibilidades de aprendizagem do aluno autista; desenvolver maior compreensão sobre o assunto e conscientizar os educadores a se informarem e a se prepararem para lidar com o aluno com esse tipo de transtorno.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada pesquisa bibliográfica com a intenção de ampliar os conhecimentos sobre o tema e também uma pesquisa de campo.

A pesquisa de campo foi realizada em algumas escolas de ensino regular de Patos de Minas, mais especificamente com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental que possuem alunos autistas em sala de aula.

A hipótese básica que norteia este estudo é a de que os professores não têm conseguido incluir os alunos autistas na escola de ensino regular em função da insuficiente formação dos docentes sobre esse assunto.

2 Referencial teórico

2.1 O autismo

O autismo é uma síndrome com influência genética, causada por defeitos em parte do cérebro, denominada transtorno de espectro autista, classificado como transtorno global do desenvolvimento (TGC).

De acordo com Gauderer (1997), os distúrbios globais do desenvolvimento são uma subclasse que se caracteriza pelas perdas no desenvolvimento da interação social recíproca, no desenvolvimento das habilidades de comunicação verbal e não verbal e também nas tarefas, das atividades imaginativas.

A princípio, esse transtorno era considerado uma psicose por Kanner (1943), que estudou onze casos clínicos os quais foram denominados por ele como “distúrbios autísticos do contacto afetivo”.

Segundo Fuentes (2008), algumas características do transtorno autista podem ser observadas precocemente, como perda do sorriso social; perda da expressão facial; perda de controle e contato visual e gestual; e falta de respostas a som. Alguns fatores contribuem para a realização de prognósticos do autismo, tais como a presença da linguagem antes dos cinco ou sete anos; a gravidade da condição e as respostas à estimulação. Uma minoria pode ter capacidade de desenvolver alguma atividade profissional com eficiência e ter uma vida independente.

Para Fuentes (2008), no diagnóstico do distúrbio, a criança precisa apresentar algumas características como:

- Incapacidade na interação social: falta de percepção do sentimento ou da existência dos outros;
- Ausência ou busca do consolo por uma situação de sofrimento: sorri quando está machucado ou não pede ajuda quando está doente;
- Imitação ausente ou comprometida;
- Não participa de jogos ou quando participa o faz de maneira mecânica;
- Incapacidade na linguagem verbal, não verbal e imaginativa;
- Comunicação anormal no uso de olhar fixo, olho no olho, postura corporal e expressão corporal;
- Ausência de expressão facial, gestos, balbucio;
- Ausência de atividade imaginativa;
- Anormalidade da fala incluindo volume, ritmo, modulação;
- Dificuldade acentuada em iniciar ou sustentar uma conversa com as outras pessoas;
- Movimentos corporais estereotipados, como andar nas pontas dos pés;
- Preocupação com partes dos objetos e não com o objeto em si nem com sua função;
- Insistência sem motivo em seguir rotinas com detalhes precisos;
- Interesse limitado a fatos e eventos.

Existem medicamentos que podem ser usados no tratamento do autismo, entretanto, a melhor escolha é o método educativo e comportamental, uma vez que o

tratamento consiste em amenizar apenas os sintomas comportamentais e não em desenvolver as funções atrasadas ou ausentes.

O grau de comprometimento é de intensidade variável. Nos quadros mais leves, não há comprometimento da fala e da inteligência e a dificuldade de interação social é menor. Nesse nível, a criança pode estudar e até fazer um curso superior. O autismo, nesse nível leve, é denominado de síndrome de Asperger. Nos quadros mais graves, a criança é incapaz de manter qualquer tipo de contato interpessoal; não fala, pode ter comportamentos agressivos, estereotipados e repetitivos. Nesse nível, o transtorno em pauta é considerado autismo severo.

No entanto, é preciso identificar o estilo de aprendizagem de cada um e não se prender aos rótulos de leve e grave. É preciso acreditar e não desanimar diante das dificuldades impostas pelo autismo.

2.2 A inclusão

Em dezembro de 2012, foi decretada a lei federal 12.764 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, a qual diz que a pessoa com espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais. Essa medida foi tomada, segundo a deputada Mara Gabrielli (2013) (PSDB-SP) (*apud* MEIRELLES, 2013, s.p.) “por não haver um texto específico que dissesse que os autistas são deficientes, muitos deles não podiam usufruir dos benefícios que já existem na legislação brasileira”.

Entretanto, a lei não garante que a criança autista seja incluída na prática. Poucas escolas estão preparadas para receber esses alunos. Apesar de a tendência atual ser a inclusão de alunos com autismo em escolas regulares, devem ser respeitadas suas limitações. Em casos graves, é melhor procurar instituições que ofereçam atendimento mais adequado.

Não basta acolher. A ordem do dia é garantir que os estudantes com deficiência avancem nos conteúdos. E a boa notícia é que isso está acontecendo graças ao trabalho de professores regentes e especialistas, às escolas com equipes bem organizadas e até as redes de ensino que já oferecem a estrutura necessária. (GURGEL, 2007, p. 39).

Apesar de a lei determinar que as escolas devam incluir esses alunos, não são todas as instituições que possuem estrutura necessária e adequada para tal inclusão nem tampouco um quadro docente capacitado para atender os autistas, resultando, assim, apenas em uma inclusão teórica em que o aluno não aprende, tornando-se excluído.

Segundo Werneck (*apud* GURGEL, 2007), um governo ou uma escola que diz promover a inclusão, mas que não destina verbas para ajuda técnica, para compra de materiais adequados ou para realizar as alterações arquitetônicas com vistas à acessibilidade, não está pensando em inclusão.

Como as escolas tiveram que incluir crianças que precisam de ajuda, passou a se tornar frequente a mediação na sala de aula. O mediador pode atuar como intermediário nas questões pedagógicas, nas limitações motoras e nas limitações da leitura dos diversos níveis escolares. Porém, não existe muita clareza quanto às

atribuições desse profissional, nem quanto à regulamentação da profissão. Geralmente, são estagiários de psicologia, pedagogia, psicopedagogia, psicomotricidade ou já formados em educação especial.

Durante muitos anos, educadores de todo o país lutaram para que a escola incluísse crianças e jovens com deficiência. Há dez anos, quase 90% dos matriculados freqüentavam instituições ou classes especiais. Hoje, são apenas 53% nessa situação – ou seja, quase metade está em salas regulares. A batalha continua, mas agora acompanhada de outra tão importante quanto: garantir a aprendizagem. (GURGEL, 2007, p. 39).

A preparação do pedagogo é fundamental, levando em conta que o autista tem desenvolvimento da aprendizagem lenta e gradativa. O professor precisa transmitir segurança e controle da situação, de uma maneira que não seja agressiva, e ter muita paciência.

O pedagogo deve levar em conta o nível de desenvolvimento de cada aluno, como ponto de partida para a escolha dos métodos de ensino que serão utilizados. Além disso, as atividades devem ser visuais, com materiais que o aluno possa manipular, e as mudanças devem ser amenas.

Existem métodos de ensino como:

- o método ABA (Análise Aplicada de Comportamento) que procura entender como a criança aprende um padrão de comportamento, baseado na conduta observada;
- o método RDI (Intervenções de Desenvolvimento de Relações) no qual os pais ou terapeutas tentam fazer o que a criança está fazendo para poder melhorar as capacidades sociais, comunicativas e emocionais da criança;
- o método TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com deficiência relacionadas à comunicação), que é o mais utilizado. Esse método tem pontos importantes como espaço físico bem definido, tempo, duração e material. Dá importância à interação de pais e terapeutas a fim de determinar o que, onde, quando e como os aprendizados devem ser desenvolvidos. São desenvolvidas atividades funcionais como a imitação, a coordenação entre olho e mão, o desempenho cognitivo, a percepção e as atitudes de autocuidado.

Toda criança autista é capaz de aprender, desde que receba o tratamento adequado e individualizado. É preciso empenho de professores, de pais e de todos aqueles que fazem parte do seu cotidiano.

3 Análise dos dados

Para a pesquisa de campo, foram aplicados sete questionários a professoras de seis escolas de ensino regular em Patos de Minas-MG, entre elas, cinco escolas públicas e uma escola privada. Dos sete questionários aplicados, cinco foram respondidos.

O questionário apresentava cinco perguntas referentes à capacitação dos professores, ao desenvolvimento e à inclusão do aluno autista nas escolas de ensino regular.

O resultado obtido foi o seguinte:

Quadro 1. Qual a capacitação você tem para trabalhar com o aluno autista?

Professora 1	Cursos de capacitação pela internet em sites regulamentados pelo MEC e de acordo com a Secretaria Estadual de Educação (Comunicação Alternativa, Inclusão da Criança com Autismo, Técnicas Aplicadas no Trabalho com Autistas, Tecnologia Assistiva, Fundamentos da Educação Especial).
Professora 2	Cursos de aperfeiçoamento em Transtorno Global do Desenvolvimento, palestras, seminários e estágios.
Professora 3	Graduação e Pós-graduação voltadas para a educação especial e a inclusão e outros cursos para atender a diferentes necessidades especiais.
Professora 4	Apenas um curso com carga horária de 20h da Jornada do Autismo 2013, realizada pela Associação Esperança Azul.
Professora 5	Trabalhei na APAE de Patos de Minas. Participei do curso: "Inclusão Escolar de alunos com transtornos globais do desenvolvimento" promovido pelo UNIPAM.

Fonte: Pesquisa de campo feita em escolas de ensino regular de Patos de Minas, maio /2014.

De acordo com os dados coletados, podemos analisar que os cursos de aperfeiçoamento são curtos e rápidos e que a maioria das professoras ainda não tem pós-graduação voltada para educação especial. Isso significa que a formação das professoras deixa a desejar, principalmente em relação à dimensão da responsabilidade que lhe é imposta.

Quadro 2. O aluno autista tem desenvolvimento considerável na escola de ensino regular?

Professora 1	Depende, cada caso é um caso. No nosso caso, consideramos que sim. Não poupamos esforços para confeccionar materiais e auxiliar o aluno em tudo.
Professora 2	Sim. Depende do grau de comprometimento do aluno, mas é observado um resultado satisfatório.
Professora 3	O aluno autista pode sim se desenvolver como qualquer outro aluno, mas isso vai depender do seu grau de comprometimento, de suas necessidades e habilidades.
Professora 4	Depende do grau do autismo do aluno. É absolutamente certo que o diagnóstico precoce, o tratamento especializado e a educação adequada tornam a interação entre escola e família altamente relevante.

Continuação do Quadro 2

Professora 5	Os alunos autistas têm conseguido um bom desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento.
------------------------	---

Fonte: Pesquisa de campo feita em escolas de ensino regular de Patos de Minas, maio /2014.

De acordo com o quadro, notamos que todas as professoras entrevistadas consideram que o aluno pode se desenvolver, dependendo da contribuição do professor, mas, em sua maioria, do grau de comprometimento dele.

Quadro 3. Quais as maiores dificuldades você encontra para trabalhar com o aluno autista?

Professora 1	Falta tempo para prepararmos os materiais. Os professores têm que usar recursos próprios para confecção desses materiais, não podemos pedir “ajuda” aos pais para essa confecção e a S.R.E. de Patos não oferece capacitação nessa área. Muitas vezes nos sentimos “sozinhas” na luta pela causa.
Professora 2	Alguns alunos possuem dificuldade em abstrair as informações dadas.
Professora 3	Geralmente, o autista demonstra dificuldades de concentração, talvez esse seja o maior problema, pois as turmas são numerosas, causando barulho que o aluno autista não gosta.
Professora 4	Dificuldade na coordenação motora, o acesso à aprendizagem e a concentração.
Professora 5	As dificuldades sempre vão existir, mas com empenho, dedicação e muito amor estão conseguindo um resultado positivo. E a nossa coordenadora não mede esforços para nos ajudar.

Fonte: Pesquisa de campo feita em escolas de ensino regular de Patos de Minas, maio /2014.

Analisando os dados, concluímos que as dificuldades que a maioria das professoras encontra estão relacionadas às dificuldades que o aluno tem de concentração e de coordenação motora e ao barulho da classe. Uma delas destaca que sua maior dificuldade reside na falta de recursos e de tempo para confecção dos materiais que estimulam o desenvolvimento do aluno.

Quadro 4. Quais métodos você utiliza para que ele possa se desenvolver?

Professora 1	O método Teacch é excelente para compreender e confeccionar atividades estruturadas e pré-estruturadas não só para autistas, mas para todas as crianças com dificuldade de aprendizagem.
------------------------	--

Continuação do Quadro 4

Professora 2	Na alfabetização, o método das boquinhas juntamente com o silábico, as atividades no computador, os textos diversos, os jogos, as gravuras/nomes. Todo material de preferência concreto.
Professora 3	Trabalhando mais com as dificuldades do aluno, adequando o material para facilitar a compreensão dele e também utilizando o método Teacch, por facilitar a metodologia para cada grau de dificuldade do aluno.
Professora 4	Começo com uma rotina estruturada, com valorização dos elementos, abordagem vivencial e música, fazendo com que o aluno observe as cores, os tamanhos, as espessuras, os animais, as pessoas.
Professora 5	Trabalhamos a rotina diariamente no quadro das imagens. Trabalhamos com materiais concretos e atividades específicas de acordo com a necessidade. Temos também o Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI), a fim de acompanhar seu desenvolvimento.

Fonte: Pesquisa de campo feita em escolas de ensino regular de Patos de Minas, maio /2014.

Duas professoras afirmaram que utilizam o método Teacch e as demais disseram que utilizam uma rotina estruturada, com materiais concretos, trabalhando com o plano de desenvolvimento individualizado para facilitar a compreensão do aluno.

Quadro 5. A criança com autismo é realmente incluída na escola de ensino regular?

Professora 1	Depende do profissional, da escola e de outros fatores. No nosso caso, o aluno foi realmente incluído de corpo e alma. Nosso aluno foi, de certa forma, feliz em ter professoras que realmente abraçaram a causa e uma família super comprometida que já vinha de uma história não muito feliz em escolas particulares.
Professora 2	Depende de vários fatores. Não são só autistas que não são incluídos na escola. Na sala de aula, há vários alunos que não estão incluídos. Os autistas possuem dificuldades de interação, isso por si só já é um obstáculo.
Professora 3	Sim. Mas é necessário que esse aluno tenha um professor apoio. Ressalto que o aluno com Espectro Autista apresenta graus diferentes de comprometimento e alteração de comportamento que faz muita diferença em seu aprendizado.

Continuação do Quadro 5

Professora 4	Embora a lei garanta os direitos das pessoas com deficiência, pesquisas vêm mostrando que ainda não conseguimos ter muito sucesso na educação inclusiva no Brasil. Não basta colocar o aluno na escola regular, é preciso que a escola esteja preparada para recebê-lo.
Professora 5	Não. Ainda há um longo caminho a ser trilhado para se dizer que a criança está realmente incluída na escola, muitas vezes está apenas inserida.

Fonte: Pesquisa de campo feita em escolas de ensino regular de Patos de Minas, maio /2014.

Duas das professoras afirmam que o aluno autista é incluído; uma disse que a inclusão depende de vários fatores, como a interação; e outras duas opinaram que o autista não é incluído, em função da falta de preparo da escola para recebê-lo.

4 Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo conhecer a realidade dos alunos autistas nas escolas de ensino regular de Patos de Minas e identificar como ocorre a sua inclusão e o seu desenvolvimento. O estudo desse tema é relevante, tendo em vista a falta de conhecimento da sociedade acerca da temática em foco em função da pouca abordagem sobre o assunto.

O professor, além de seu profissionalismo, precisa ter capacitação e estar disposto a trabalhar o desenvolvimento do aluno autista, uma vez que essa não é tarefa fácil. É essencial perceber e respeitar o nível de desenvolvimento de cada um, trabalhar com métodos e materiais individualizados e ter uma rotina estruturada.

Podemos afirmar que a nossa hipótese inicial, de que o aluno não é incluído em função da insuficiente formação dos docentes, foi confirmada em partes. Acreditamos que a inclusão não depende somente do professor, pois ele pode até ser capacitado, mas, muitas vezes, a escola não oferece estrutura e materiais necessários para que haja um desenvolvimento satisfatório.

Por meio dessa pesquisa, concluímos que, apesar da lei garantir a inclusão dos autistas nas escolas regulares, na maioria das vezes, ele está somente inserido geograficamente no espaço físico da sala de aula. Seu desenvolvimento e sua aprendizagem são prejudicados devido a uma série de fatores, tais como capacitação insuficiente dos professores, falta de apoio do governo e da escola, ausência ou insuficiência de materiais necessários. Além disso, ainda existe o preconceito da escola, dos alunos, dos professores e, até mesmo, dos próprios pais em aceitar as limitações dos filhos autistas e acreditar que eles são capazes.

A educação não poderá curar as dificuldades da criança autista, mas poderá contribuir para uma vida mais prazerosa. Assim, diante de tantas dificuldades relacionadas à inclusão, notamos que o amor é fator imprescindível para que ela se torne realidade.

Referências

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia dos Assuntos Jurídicos. Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012. *Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista*. Brasília DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 13 abr. 2014.

FUENTES, Daniel. ET. AL. *Neuropsicologia, teoria e pratica*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GAUDERER, Christian. *Autismo e outros Atrasos do Desenvolvimento: Guia Prático para Pais e Profissionais*. 2. ed. Revisada e Ampliada. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

GONÇALVES, Paula Pais. *Autismo e a Aprendizagem Escolar*. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/autismo/index.php?pagina=2>>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

GURGEL, Thaís. Inclusão, só com aprendizagem. *Nova Escola*. São Paulo, p. 39-45, out. 2007.

KANNER, L. *Perturbações Afetivas de Contato Afetivo*. Houston: Criança Nervosa, 2, 217-250. 1943.

MEIRELLES, Elisa. *Inclusão de autistas, um direito que agora é lei*. Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/57/legislacao-inclusao-autismo>>. Acesso em: 05 maio 2014.